



---

**“ENFRENTAR O VÍRUS COMO HOMEM E NÃO COMO MOLEQUE”:  
QUANDO A MASCULINIDADE TÓXICA SE TORNA GENOCIDA**

---

**FACE THE VIRUS LIKE A MAN AND NOT AS A BRAT:  
WHEN TOXIC MASCULINITY BECOMES GENOCIDE**

---

**ENFRENTA AL VIRUS COMO UN HOMBRE Y NO COMO UN CHICO  
CUANDO LA MASCULINIDAD TÓXICA SE CONVIERTE EN GENOCIDIO**

---

Leandro Teofilo de Brito<sup>1</sup>**RESUMO**

Este artigo buscou problematizar sentidos da masculinidade em discursos enunciados pelo presidente Jair Bolsonaro sobre a pandemia da COVID-19 no Brasil, destacando os efeitos performativos que contribuíram com o agravamento da pandemia no país e pela legitimação da (re)produção da masculinidade tóxica na sociedade. Para isso, o texto fundamenta-se nos estudos pós-estruturalistas por autores como Michel Foucault, Jacques Derrida e Judith Butler, entre outros, na discussão sobre as categorias discurso, linguagem e masculinidade. Finaliza-se o texto com uma breve reflexão sobre a importância do campo educacional nas disputas por significações em torno das masculinidades, problematizando as possibilidades de tensionamento da masculinidade tóxica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Masculinidades. Discurso. Performatividade. Pandemia. Bolsonaro.**ABSTRACT**

This article sought to problematize the meanings of masculinity in speeches enunciated by President Jair Bolsonaro about the COVID-19 pandemic in Brazil, highlighting the performative effects that contributed to the worsening of the pandemic in the country and to the legitimization of the (re)production of toxic masculinity in society. For this, the text is based on post-structuralist studies by authors such as Michel Foucault, Jacques Derrida and Judith Butler, among others, in the discussion on the categories of discourse, language and masculinity. The text ends with a brief reflection on the importance of the educational field in the disputes for meanings around masculinities, problematizing the possibilities of tensioning toxic masculinity.

**KEYWORDS:** Masculinities. Speech. Performativity. Pandemic. Bolsonaro.**RESUMEN**

Este artículo buscó problematizar los significados de la masculinidad en los discursos enunciados por el presidente Jair Bolsonaro sobre la pandemia de COVID-19 en Brasil, destacando los efectos performativos que contribuyeron al agravamiento de la pandemia en el país y a la legitimación de la (re) producción de masculinidad tóxica en la sociedad. Para ello, el texto se basa en estudios postestructuralistas de autores como Michel Foucault, Jacques Derrida y Judith Butler, entre otros, en la discusión sobre las categorías discurso, lenguaje y masculinidad. El texto

---

**Submetido em:** 10/10/2021 – **Aceito em:** 09/03/2022 – **Publicado em:** 28/04/2022

<sup>1</sup> Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutor e Pós-doutor em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd-UERJ)



finaliza con una breve reflexión sobre la importancia del campo educativo en las disputas por significados en torno a las masculinidades, problematizando las posibilidades de tensar la masculinidad tóxica.

**PALABRAS CLAVE:** Masculinidades. Discurso. Performatividad. Pandemia. Bolsonaro

## INTRODUÇÃO

O vírus tá aí, vamos ter de enfrentá-lo, mas enfrentar como homem, pô, não como moleque.  
Presidente Jair Bolsonaro

No início do ano de 2020 o mundo foi surpreendido com a disseminação do vírus SARS-CoV-2, coronavírus responsável por causar a COVID-19. Em 11 de março desse mesmo ano, a Organização Mundial da Saúde (OMS) caracterizou a COVID-19 como uma pandemia e, no Brasil, a forma catastrófica de condução em medidas e estratégias de combate pelo governo federal vitimou, até o mês de outubro de 2021, período em que este texto foi escrito, mais de 600 mil vidas. Ao abordar mais especificamente o descaso com a proliferação do novo coronavírus no país, pode-se afirmar que o presidente da república, Jair Bolsonaro, protagonizou o principal papel. O político foi eleito presidente em 2018 com uma agenda politicamente autoritária, socialmente conservadora e economicamente neoliberal (SILVA; RODRIGUES, 2021), que se exacerbou no contexto pandêmico no Brasil.

Conforme Costa, Santos e Santos (2020), a construção do personagem Jair Bolsonaro como figura política de baixa visibilidade, identificado como ex-militar pertencente ao “baixo clero”, com mandatos subsequentes desde 1991 em sete legislaturas e cuja base eleitoral era formada por militares da reserva e setores conservadores da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, mudou de patamar em poucos anos. Bolsonaro assumiu a identificação de “mito” para seus eleitores: um homem tido como “do povo”, que se afirmava como heterossexual, branco e em luta permanente contra os ataques à masculinidade e à branquitude. As autoras destacam algumas de suas características mais marcantes: “masculinidade estereotipada como o ‘macho’ típico – homofobia, misoginia, ‘pai de família’, visual ‘sem frescura’” (COSTA; SANTOS; SANTOS, 2020, p. 1).

Tais características aproximam-se do que se entende como masculinidade tóxica: uma enunciação muito reiterada na contemporaneidade pelos movimentos sociais, que denunciam os modos de ser homem pautados no machismo e na homofobia e que geram violência e desordem para as mulheres e para os próprios homens na sociedade (CASTRO, 2018). Durante esse período da pandemia no país, Bolsonaro recorrentemente se pronunciou publicamente de maneira negacionista ao novo coronavírus e pouco preocupado com o avanço de seu contágio entre a população, além do desprezo ao número elevado de mortes. Em seus discursos, sentidos da masculinidade tóxica estiveram bastante presentes.

Nesse contexto, entendo discurso numa perspectiva foucaultiana, como um conjunto de enunciados que se apoiam numa mesma formação discursiva produzida por relações de poder. Um enunciado discursivo, nessa proposição foucaultiana, se encontra na transversalidade de frases, proposições e atos de linguagem; é sempre um acontecimento, que nem a língua nem o sentido único podem esgotar inteiramente; é uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis como conteúdos concretos no tempo e no espaço (FOUCAULT, 2008).

Desse modo, um discurso tem a capacidade de participar das construções dos sentidos em circulação na sociedade. Em leitura desconstrutora da teoria dos atos de fala do linguista John Austin realizada por Derrida (1991) e a leitura de Austin e Derrida por Butler (2009), destaca-se que a linguagem, ao ser repetida, tem o poder de produzir efeitos de realidade. Esse poder linguístico-discursivo é nomeado “performativo”, isto é, “não descreve algo que existe fora da linguagem e antes dela. Produz ou transforma uma situação, opera” (DERRIDA, 1991, p. 27).

Para Butler (2019, p. 188):

A performatividade discursiva parece produzir aquilo que nomeia, tornando realidade os próprios referentes, nomeando e tornando realidade, nomeando e produzindo realidade. [...]. De modo geral, os performativos produzem aquilo que declaram. Como prática discursiva (“atos” performativos devem ser repetidos para se tornarem eficazes), as sentenças performativas constituem o lócus de produção discursiva. Nenhum “ato” pode exercer o poder de produzir o que declara separado de uma prática regularizada e sancionada.

Conforme Rodrigues (2020, p. 32), a linguagem performativa é pensada como uma estratégia de poder sobre a realidade, atuando e modificando os sentidos sociais do mundo; nesse processo há uma tensão permanente entre a manutenção e a subversão das normas que, como destaca a autora, conserva e ao mesmo tempo supera as regras que estabelece: “Se é possível fazer coisas com as palavras, é porque toda lei, toda norma e toda ciência estão submetidas à linguagem e, portanto, à sua instabilidade intrínseca e incontornável”.

Busco neste texto problematizar sentidos da masculinidade em discursos enunciados pelo presidente Jair Bolsonaro sobre a pandemia da COVID-19 no Brasil e destacar os efeitos performativos que contribuíram para o agravamento da pandemia no país pela legitimação da (re)produção da masculinidade tóxica na sociedade. Ao final, apresento uma breve reflexão sobre a importância do campo educacional nas disputas por significações em torno das masculinidades, problematizando as possibilidades de tensionamento da masculinidade tóxica.

## **QUANDO A MASCULINIDADE TÓXICA SE TORNA GENOCIDA**

Para localizar os discursos de Jair Bolsonaro sobre a pandemia da COVID-19 no Brasil e sua

aproximação com a categoria masculinidade, foi realizada uma busca no site Google cruzando as palavras Bolsonaro e Pandemia; Bolsonaro e COVID-19, além do recorte do período: a partir de 11 de março de 2020, data em que a OMS decretou a COVID-19 como uma pandemia. Foram mapeadas e selecionadas 4 falas do presidente em diferentes artefatos culturais – matérias jornalísticas e vídeos – e que traziam sentidos da masculinidade em discursos sobre a pandemia.

O primeiro discurso negacionista do presidente Jair Bolsonaro sobre o novo coronavírus ocorreu em pronunciamento oficial transmitido por rádio e TV no dia 24 de março de 2020<sup>2</sup>, data em que o país acumulava 47 vítimas da doença. O presidente criticou as medidas de isolamento adotadas por governadores e prefeitos em relação ao fechamento de comércios e escolas e chamou a COVID-19 de “gripezinha” e “resfriadinho”, enunciações que marcaram sua posição de negacionismo ao vírus no Brasil. Cabe lembrar que a OMS, ao decretar a pandemia no mundo, orientou quanto à importância de medidas de segurança, tal como o isolamento físico, para que se evitasse a propagação da doença (TEIXEIRA; COUTO JUNIOR; BRITO, 2021), fato que foi ignorado por Bolsonaro. Nesse mesmo discurso, o presidente também mencionou um suposto “histórico de atleta”, que diminuiria sua preocupação com a contaminação do coronavírus: “No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria” (sic).

Ao chamar o novo coronavírus de “gripezinha” e “resfriadinho”, o presidente toma uma posição contrária a práticas de cuidado de si e dos outros, além da rejeição a práticas preventivas de saúde ao assumir uma condição de invulnerabilidade em relação ao vírus (MEDRADO *et al.*, 2021). Tais características são recorrentes na socialização masculina, como destacam estes autores:

Neste modelo ideal – branco, cisheteronormativo, patriarcal e colonial –, o cuidado é uma prática considerada feminina, sendo o risco considerado pela via do enfrentamento e não da prevenção. A sensação de “invulnerabilidade masculina” é um efeito possível e esperado dessa economia de gênero (MEDRADO *et al.*, 2021, p. 181).

As consequências desse modelo de masculinidade assumido por Bolsonaro podem ser fatais para os homens. O relatório da Organização Panamericana de Saúde (OPS) intitulado

---

<sup>2</sup> Pronunciamento do presidente da República, Jair Bolsonaro, em 24/03/2020. Disponível em: <https://bit.ly/36mqIvw>. Acesso em: 8 jul. 2021.

*Masculinidades y salud en la región de las Américas*<sup>3</sup> apontou que a sobremortalidade dos homens começa a se acentuar durante a adolescência, triplicando no início da idade adulta; suas principais causas incluem aspectos da violência, acidentes de trânsito e cirrose hepática. Nesse contexto, a expectativa de vida dos homens nas Américas, em comparação com as mulheres, é de 5,8 anos a menos.

Em relação à pandemia da COVID-19, os níveis de mortalidade dos homens também são superiores ao das mulheres, segundo o estudo de Baker, White e Morgan (2020) intitulado *Men's health: COVID-19 pandemic highlights need for overdue policy action*, publicado na revista *The Lancet*. Segundo os autores, a maior prevalência de comorbidades preexistentes em homens do que em mulheres – como doenças cardiovasculares, diabetes e hipertensão – também são fatores de suscetibilidade dos homens ao novo coronavírus. Os fatores destacados somam-se a respostas imunológicas inferiores dos homens combinadas com práticas culturais relacionadas à masculinidade, como fumar e beber, envolver-se menos em medidas preventivas de saúde pública, como usar máscaras ou lavar as mãos e à demora na procura de cuidados de saúde, situações que contribuem para a vulnerabilidade dos homens à COVID-19 (BAKER; WHITE; MORGAN, 2020). Informações retiradas do site *Global Health 50/50*<sup>4</sup>, plataforma voltada a dados internacionais sobre a igualdade de gênero em saúde, apontou, em seus dados – período de 11 de setembro de 2021 –, que a incidência maior em mortes por COVID-19 no Brasil era de homens (56,24%) em comparação com as mulheres (43,76%).

Outro ponto a ser destacado no discurso do presidente é a enunciação “histórico de atleta”, pois sabe-se que a masculinidade que é construída por uma via normalizadora encontra nos exercícios físicos e nos esportes um espaço profícuo para seu desenvolvimento. Entendendo que o presidente Jair Bolsonaro foi militar, a relação estreita entre esporte, masculinidade e militarismo como instância de construção de corpos masculinos viris, saudáveis, robustos e fortes é histórica (MISKOLCI, 2012; MELO, 2013; BRITO, 2016) e se mostra como mais um elemento presente nos discursos de negacionismo ao novo coronavírus.

A prática de atividades físicas e a ideia de masculinidade (os papéis sociais aceitos e valorizados para os homens) dialogaram. Progressivamente, por exemplo, os esportes ofereceram ao mundo masculino a oportunidade de expor publicamente suas provas de heroísmo e valentia, cujas demonstrações mais explícitas são algumas marcas corporais: cicatrizes, cortes, arranhões (MELO, 2013, p. 129).

<sup>3</sup> *Masculinidades y salud en la Región de las Américas*. Disponível em: <https://bit.ly/3wEUtCi>. Acesso em: 12 jul. 2021.

<sup>4</sup> *The COVID-19 Sex-Disaggregated Data Tracker*. Disponível em: <https://bit.ly/36uDvMr>. Acesso em 10 out. 2021.



Bolsonaro, ao enunciar discursos públicos que desprezam a pandemia da COVID-19 no Brasil, dada sua posição de poder como presidente do país, participa com força das construções dos sentidos sociais que se fazem presentes na população; entre o seu eleitorado, o discurso do negacionismo mostra relevância pelo não reconhecimento da gravidade da doença, em especial nessa fala, que ocorreu no início da pandemia, período em que iniciou a disseminação de tais ideias. Nessa interpretação, retomo Butler (2009) quando a autora afirma que um enunciado performativo, quando exercido em dado contexto específico, pode ser disseminado com maior poder; nesse caso, pode-se destacar a força política de disseminação de ideias negacionistas entre os eleitores de Bolsonaro.

Alguns dias depois, no domingo 29 de março de 2020, Bolsonaro, sem usar máscara, visitou as áreas comerciais de Brasília e de cidades vizinhas, contrariando posições de autoridades de saúde de todo o mundo sobre a importância do isolamento físico contra o novo coronavírus. O presidente, ao ser abordado por jornalistas em seu “passeio” dominical, defendeu que as pessoas voltassem ao trabalho com o seguinte discurso<sup>5</sup>:

Temos o problema do vírus, temos, ninguém nega isso aí. Devemos tomar os devidos cuidados com os mais velhos, as pessoas do grupo de risco. Agora, o emprego é essencial. O vírus ‘tá aí, vamos ter de enfrentá-lo, mas enfrentar como homem, pô, não como moleque. Vamos enfrentar o vírus com a realidade. É a vida, todos nós vamos morrer um dia (sic).

Dessa vez, de forma mais clara que no pronunciamento oficial, Bolsonaro enunciou sentidos da masculinidade ao afirmar o enfrentamento ao vírus como “homem” e não como “moleque”. Em seu discurso, o presidente apontou para uma hierarquização entre masculinidades na qual “ser homem” daria sentido a características essencialistas como racionalidade e coragem, isto é, um modelo do masculino “ideal” na condução de ações de combate à pandemia no país, o qual ele estaria assumindo e propondo também sua incorporação à população. Já a enunciação “ser moleque” traz características opostas, tais como covardia e medo, que seriam atribuídas àqueles que defendem e/ou estariam em isolamento físico.

Sabe-se que esse pensamento hierárquico sobre os homens e sobre as expressões de masculinidades é recorrente no senso comum. Os sentidos das enunciações “homem” e “moleque” são performativos e já possuem força expressiva de disseminação em diversos contextos culturais e sociais, mas renovam seus efeitos ao serem corroborados pelo presidente Jair Bolsonaro nos discursos sobre a pandemia no Brasil. Como Butler (2009) pontuou, o poder

---

<sup>5</sup>Coronavírus: Bolsonaro volta a falar em histeria. Disponível em <https://bit.ly/3yMz37Z> . Acesso em 8 jul. 2021.

performativo do discurso tem a capacidade de trabalhar na regulação e imposição de normas, produzindo efeitos que afetam as ubíquas disputas por significações no social. Nesse sentido, uma enunciação que mobiliza sentidos da masculinidade, como proposto por Bolsonaro, trabalhará para legitimar aspectos hierarquizantes sobre significações do masculino ao dicotomizar modos mais ou menos legitimados de “ser homem” na sociedade. Essa disputa pela estabilização dos sentidos sociais do masculino é marcada também por elementos que mobilizam a masculinidade tóxica no negacionismo à pandemia no país.

Em leitura mais específica, tomando como base o contexto político, econômico e social mais amplo vivido no país, enfrentar a pandemia como “homem”, para Bolsonaro, também seria estimular que as pessoas voltassem aos seus postos de trabalho, de preferência presencialmente, denotando uma suposta “preocupação” do governo com a economia. Como bem afirmou Foucault (2019, p. 6-7):

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

A jornalista Monica Bergamo, da *Folha de S. Paulo*, noticiou em sua coluna no dia 7 de julho de 2020<sup>6</sup> que Bolsonaro, durante a quarentena, além de atentar contra todas as medidas de segurança e distanciamento físico no Palácio do Planalto, constrangia funcionários e visitantes que estivessem usando máscaras, sobretudo homens, com piadas de todo tipo, tal como “máscara é coisa de viado”.

Nesses episódios, a estratégia utilizada por Bolsonaro para causar embaraço entre esses homens mobiliza aspectos da heteronormatividade. Para Warner (1991), a noção de heteronormatividade diz respeito à normatização da ordem social por um conjunto de dispositivos de controle, tais como discursos, valores e práticas, que parte do pressuposto de que a heterossexualidade é o único modelo de orientação sexual possível de ser vivenciado pelos sujeitos, atrelado à imposição de padrões de comportamento pautados no binarismo de gênero. O autor destaca que esse conjunto de dispositivos que fundamentam os processos sociais de controle se volta até mesmo para a regulação da vida de pessoas que se identificam como heterossexuais. É pela mobilização das heteronormas que Bolsonaro, em suas enunciações no Palácio do Planalto, coage homens a se envergonharem pelo uso das máscaras como proteção à contaminação da COVID-19. A enunciação “viado” nesse discurso é

---

<sup>6</sup>Máscara é 'coisa de viado', dizia Bolsonaro na frente de visitas. Disponível em: <https://bit.ly/3dRpNXO>. Acesso em 8 jul. 2021.

significada como um termo pejorativo que abarca, além da repulsa à homossexualidade como orientação sexual – homofobia –, sentidos que estimulam a vergonha nesses homens por estarem se prevenindo contra a contaminação. A legitimação da invulnerabilidade é acionada como dispositivo de masculinidade pelo presidente.

Discutindo especificamente a homofobia presente nessa enunciação de Bolsonaro, Louro (2009) destaca que o processo de heteronormatividade é frequentemente associado à homofobia e se mostra de modo mais intenso ou mais visível em relação aos homens, se comparado às mulheres. Sabe-se que discursos homofóbicos produziram a carreira política de Bolsonaro, que, debruçado no desprezo público à homossexualidade, formou um eleitorado conservador, preconceituoso e contrário às pautas políticas LGBTI+.

Em 10 de novembro de 2020, Bolsonaro proferiu novo discurso homofóbico durante cerimônia no Palácio do Planalto<sup>7</sup>, momento em que o país registrava 162,6 mil mortes, e afirmou que o Brasil teria que "deixar de ser um país de maricas" e enfrentar a pandemia da COVID-19 de "peito aberto". Para Borrillo (2010), a homofobia enquanto fenômeno psicológico e social enraíza-se nas complexas relações estabelecidas entre as estruturas autoritárias que desqualificam a homossexualidade como orientação sexual e legitimam a heterossexualidade monogâmica como a ideal no plano afetivo e sexual. Além disso, a homofobia é um elemento constitutivo da identidade masculina, sobretudo em contextos conservadores. Desse modo, a enunciação "maricas" é significada historicamente como sentido de ridicularização de homens que não se identificam como heterossexuais, como bem destaca Borrillo (2010, p. 88), "o cúmulo da falta de virilidade consiste em assemelhar-se à feminilidade".

Nessa interpretação, "maricas" é também uma enunciação direcionada por Bolsonaro como forma de desqualificar prefeitos e governadores que apoiaram e realizaram ações voltadas ao isolamento físico da população em suas cidades e estados. Já a enunciação "peito aberto" é significada como o oposto e apontada pelo presidente como alternativa viável no enfrentamento à pandemia, isto é, uma enunciação de masculinidade que, tal como as outras, mais uma vez foi utilizada pelo político em seu incansável boicote às medidas de combate ao novo coronavírus no país. Motivado pela fixidez de uma masculinidade conservadora na sociedade, Bolsonaro utiliza estratégias discursivas que trabalham para sua manutenção e que legitimam a masculinidade tóxica como dispositivo regulatório na tragédia do genocídio brasileiro.

---

<sup>7</sup> Brasil tem que deixar de ser país de maricas, diz Bolsonaro. Disponível em: <https://bit.ly/3ADX9U1>. Acesso em: 8 jul. 2021.





## O CAMPO EDUCACIONAL NAS DISPUTAS EM TORNO DAS MASCULINIDADES

Reconhecendo que as mudanças na sociedade podem ser potencializadas pela Educação, no seu sentido amplo, finalizo este texto propondo uma reflexão sobre a importância do campo educacional nas disputas por significações em torno das masculinidades. Mantenho-me apoiado nas perspectivas pós-estruturalistas para apostar na masculinidade como *diferença* ao problematizar a enunciação “masculinidade tóxica” e suas possibilidades de tensionamento.

Sabe-se que um suposto sujeito universal, unitário, racional, branco, judaico-cristão, heterossexual e masculino foi questionado na contemporaneidade pós-moderna pelos movimentos feministas, anticoloniais, pelas mobilizações estudantis, pelos movimentos da contracultura e de luta pelos direitos civis, além dos movimentos revolucionários dos países neocolonizados e em desenvolvimento. Esses movimentos apresentaram outros atores sociais por meio da emergência das políticas de minorias e pelo reconhecimento de múltiplos pontos de vista e múltiplos sistemas epistemológicos como crítica ao universalismo iluminista (CAETANO; SILVA JUNIOR; HERNANDEZ, 2014).

Entretanto, resistências também se mostram presentes nesse processo, pois, como apontou Oliveira (2004), uma série de agentes interessados na manutenção do *status quo* vem sentindo o impacto que as mudanças estruturais contemporâneas impõem ao ideal moderno de masculinidade. O autor chama atenção para a principal característica enunciada pelos conservadores, tal como se mostrou presente nos discursos de Bolsonaro: o essencialismo. Para o pensamento conservador, a ideia de que as diferenças de gênero são algo inato é também uma interpretação cultural, mesclada com supostos elementos de caráter natural, para manter a dominância dos homens e da masculinidade como algo socialmente legítimo e inquestionável:

Assim, a propensão à competição com os outros homens, o prazer de correr riscos, o impulso natural a tomar a iniciativa nos encontros sexuais, cautela e moderação na expressão de sentimentos integrariam, ao lado de outras características, a base essencial que justificaria a existência de contextos culturais e situações específicas, como a maior influência dos homens em relação às mulheres, na vida social e política, a constante necessidade de reafirmação da masculinidade (OLIVEIRA, 2004, p. 151-152).

O presidente Jair Bolsonaro, em seus discursos, enunciou recorrentemente sentidos essencialistas sobre o masculino como uma espécie de receituário conservador de masculinidade que foram insistentemente repetidos com o intuito de sedimentar não só essa posição hierárquica dos homens no social, mas também de mobilização da masculinidade tóxica no negacionismo à pandemia no país.



Os estudos sobre masculinidades na área da Educação já há alguns anos vêm discutindo em suas pesquisas as múltiplas identificações das masculinidades (ARTES; CARVALHO, 2010; BRITO; FREITAS; SANTOS, 2014; CAETANO; SILVA JÚNIOR; GOULART, 2016; SEFFNER; SILVA, 2016; BRITO; COUTO JUNIOR, 2019, entre outros), como também, mais recentemente, vêm destacando ações e intervenções que buscam desestabilizar a masculinidade tóxica entre meninos e jovens estudantes nas escolas (CARVALHO, 2020; OLIVEIRA; FONTES, 2021).

Assim, reconheço a importância de a enunciação “masculinidade” ser significada em sentido distinto do que o termo “masculinidade tóxica” vem sendo disseminado nos contextos sociais, pois, de modo bastante recorrente, a enunciação “masculinidade tóxica” toma os sentidos do masculino como universais em variados contextos sociais, naturalizando e homogeneizando esse processo de identificação. É performativa essa enunciação. Contestando essa posição, concordo com Seffner (2016) quando o autor destaca que a masculinidade é definida no interior das relações de gênero e não será jamais compreendida por um entendimento cristalizado, pois é concebida em meio a tensões, disputas e interesses próprios que marcam sua disputa por significação.

Levando em consideração as disputas e os jogos de poder em que a masculinidade é significada, aposto nos inumeráveis processos de identificação do masculino performatizados nos diversos contextos sociais. Aqui me fundamento na perspectiva butleriana da performatividade de gênero, em que reconheço que a masculinidade não é uma identidade estável, mas uma contínua repetição de atos, gestos e movimentos corporais que criam a ilusão de um masculino fixo e estabilizado, mas que nada mais é do que uma identificação formada por atos descontínuos passíveis de quebras ou de subversões da repetição da norma (BUTLER, 2019). Tal perspectiva denota as ubíquas disputas por significações da masculinidade, possibilitando assim uma leitura mais complexa da identificação do masculino performatizada nos contextos sociais diversos.

Desse modo, aponto que o campo educacional se mostra particularmente potente para problematizar as questões das masculinidades em seus variados processos pedagógicos, nos quais se permite reconhecer a força das repetições das normas, mas também dos deslocamentos que se configuram em cenários contingentes, diversos e multifacetados. Como exemplo, os ambientes escolares podem tensionar um sentido unívoco do masculino por projetos diversos de discussão sobre gênero nos currículos e disciplinas escolares; e os contextos não formais de ensino, exemplificados por artes, literatura, esportes e cinema, entre outros, que, imbuídos de pedagogias culturais múltiplas, disputam as significações das masculinidades e podem trabalhar para desestabilizar a força da enunciação “masculinidade tóxica”. Finalizo este texto apostando na importância desse campo educacional mais amplo como uma instância potente, que tem o poder e a capacidade de ressignificar sentidos do masculino que sejam opostos aos



enunciados por Bolsonaro em sua insistente tentativa de fixar a masculinidade como uma via tóxica, sobretudo em seu olhar restrito sobre a pandemia vivenciada no Brasil.

## REFERÊNCIAS

ARTES, Amélia Cristina Abreu; CARVALHO, Marília Pinto de. O trabalho como fator determinante da defasagem escolar dos meninos no Brasil: mito ou realidade? **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 34, p. 41-74, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://bit.ly/3xP5Wjm>. Acesso em: 17 ago. 2021.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BRITO, Leandro Teófilo de. Performances de masculinidades na História da Educação Física em fins do século XIX. **Revista Dia-Logos**, Rio de Janeiro, v. 10, 2, p. 41-51, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/37PBnj1>. Acesso em: 17 ago. 2021.

BRITO, Leandro Teófilo de; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. Performatizações dissidentes na escola: masculinidades precárias em discussão. **Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 11, p. 284-302, maio/out. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2O8Pdn6>. Acesso em: 17 ago. 2021.

BRITO, Leandro Teófilo de; FREITAS, José Guilherme Oliveira; SANTOS, Mônica Pereira dos. “Não, isso não é coisa pra homem” – Masculinidades e os processos de inclusão/exclusão em uma escola da Baixada Fluminense-RJ. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 5, n. 2, p. 114-125, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3xWesgz>. Acesso em: 17 ago. 2021.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do “sexo”. São Paulo: n-1 Edições, 2019.

BUTLER, Judith. **Lenguaje, poder e identidad**. Madrid: Síntesis, 2009.

CAETANO, Marcio Rodrigo Vale; SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da; HERNANDEZ, Jimena de Garay. Ninguém nasce homem, torna-se homem: as masculinidades no corpo e o corpo nas práticas curriculares das masculinidades. **Revista Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 2, p. 8-18, nov. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3sxgeDF>. Acesso em: 17 ago. 2021.

CAETANO, Marcio Rodrigo Vale; SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço; GOULART, Treyce Ellen Silva. Masculinidades hegemônicas e dissidências: tensões curriculares em cotidianos de escolas da periferia. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 214-232, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3CYkZLa>. Acesso em: 17 ago. 2021.



CARVALHO, Aline Paixão Miranda. Espaço de meninos: reflexões sobre a construção das masculinidades por adolescentes de uma escola pública do município do Rio de Janeiro. **Revista Crítica Histórica**, Alagoas, v. 11, n. 22, p. 153-169, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2XvjZxX>. Acesso em: 17 ago. 2021.

CASTRO, Susana de. O papel das escolas no combate às masculinidades tóxicas. **Revista Aprender**, Vitória da Conquista, n. 20, p. 75-82, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3iV4tnl>. Acesso em: 17 ago. 2021.

COSTA, Ana; SANTOS, Beatriz; SANTOS, Suzy dos. Não foi só o WhatsApp: a construção identitária de Jair Bolsonaro como política de comunicação. In: VII ULEPICC, Ilhéus-BA. **Anais...** Ilhéus-BA, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/385KmNf>. Acesso em: 17 ago. 2021.

DERRIDA, Jacques. **Limited inc**. Campinas: Papirus, 1991.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7ª ed. 3ª reimpr. Rio de Janeiro: Forense, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 1ª ed. digital. São Paulo: Loyola, 2019.

LOURO, Guacira. Heteronormatividade e homofobia. In: JUNQUEIRA, Rogério (Org.). **Diversidade sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade/Unesco, 2009. p. 85-93.

MEDRADO, Benedito *et al.* Homens e masculinidades e o novo coronavírus: compartilhando questões de gênero na primeira fase da pandemia. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 26, p. 179-183, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3m9hXhd>. Acesso em: 17 ago. 2021.

MELO, Victor Andrade de. Novas performances públicas masculinas: o esporte, a ginástica, a educação física (século XIX). In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (Orgs.). **História dos homens no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 119-152.

MISKOLCI, Richard. **O desejo da nação**: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2012.

OLIVEIRA, Francis Fonseca; FONTES, Ramon Victor Belmonte. “O cara é pegador!”: rodas de conversa sobre masculinidades tóxicas em uma escola pública baiana. **Interfaces Científicas: Educação**, Aracaju, v. 11, n. 1, p. 40-53, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/37QAPt9>. Acesso em: 17 ago. 2021.

OLIVEIRA, Pedro Paulo. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: Iuperj, 2004.



RODRIGUES, Carla. Três tempos da performatividade em Butler. In: OLIVEIRA, Marcelo Andrade Cattoni de; VIANA, Igor Campos (Orgs.). **Políticas da performatividade: conferências**. Belo Horizonte: Conhecimento, 2019. p. 29-42.

SEFFNER, Fernando. **Derivas da masculinidade**. Jundiaí: Paco, 2016.

SEFFNER, Fernando; SILVA, Luciano Ferreira da. “Mind the trap”: o menino, a escola e a folha de alface. **Educação**, Porto Alegre, v. 39, n. 3, set./dez. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3mbyi52>. Acesso em: 17 ago. 2021.

SILVA, Mayra Goulart da; RODRIGUES, Theófilo Codeço Machado. O populismo de direita no Brasil: neoliberalismo e autoritarismo no governo Bolsonaro. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 26, n. 1, p. 86-107, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3iWux1z>. Acesso em: 17 ago. 2021.

TEIXEIRA, Marcelle Medeiros; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; BRITO, Leandro Teofilo de. Nem tudo que reluz é ouro: discutindo *memes* e *fake news* em tempos de pandemia. **Comunicologia**, Brasília, v. 14, n. 1, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3nQP2iS>. Acesso em: 19 set. 2021.

WARNER, Michael. **Fear of a queer planet: queer politics and social theory**. Minnesota: Minnesota Press, 1991.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.